



Mudanças socioculturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba, Município de Cahama, localidade de Kakuio, Província do Cunene.

Yohandra Rad-Camayd

E-mail: hacamay2017@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6366-9727>

Instituto Superior Politécnico Sinodal de Lubango. Angola.

Cita sugerida (APA, séptima edición)

Rad-Camayd, Y. (2023). Mudanças socioculturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba, Município de Cahama, localidade de Kakuio, Província do Cunene. *Revista Portal de la Ciencia*, 4(1), 124-138. Doi: <https://doi.org/10.51247/pdrc.v4i1.341>.

RESUMO

Este estudo descritivo com abordagem quantitativa teve como objectivo analisar as mudanças socioculturais vivenciadas pelo subgrupo etnolinguístico Mundimba no município de Cahama na localidade de Kakuio, província do Cunene; Para isso, foram utilizados métodos de pesquisa científica: revisão bibliográfica, etnográfica, histórico-lógica e estatística; bem como técnica de levantamento. Entre os principais resultados está que as mudanças nos padrões de comportamento (hábitos, costumes e tradições) que esse grupo vê estão sofrendo devido ao processo de socialização e, de certa forma, pelas altas taxas de mobilidade social desencadeadas pela crescente taxa de ocupação rural. Êxodo. Esse processo é responsável pela diversidade que se traduz em formas de pensar, sentir e agir e, ao mesmo tempo, a perda ou alteração de características ou elementos de identidade daquele povo.

Palavras-chave: subgrupo etnolinguístico Mundimba, hábitos, costume, aculturação

Sociocultural changes of the Mundimba ethnolinguistic subgroup, Cahama municipality, Kakuio locality, Cunene province.

ABSTRACT

This descriptive study with a quantitative approach aims to analyze the sociocultural changes experienced by the Mundimba ethnolinguistic subgroup in the municipality of Cahama in the town of Kakuio, Cunene province; For this, scientific research methods were used: bibliographic, ethnographic, historical-logical and statistical review; as well as the survey technique. Among the main results is that the changes in behavior patterns (habits, customs and traditions) that this group has been suffering are given by the socialization process and, in a certain way, by the high rates of social mobility triggered by the growing rate of rural exodus. This process is responsible for the diversity that translates into ways of

thinking, feeling and acting and, at the same time, in the loss or alteration of features or identity elements of that people.

Keywords: Mundimba ethnolinguistic subgroup, habits, customs, acculturation

RESUMEN

El presente estudio descriptivo con enfoque quantitativo tiene por objetivo analizar los cambios socioculturales experimentados por el subgrupo etnolingüístico Mundimba en el municipio de Cahama en la localidad de Kakuio, provincia de Cunene; para ello se utilizaron los métodos de investigación científica: revisión bibliográfica, etnográfico, histórico-lógico y estadístico; así como la técnica de encuesta. Entre los principales resultados se tiene que los cambios en los patrones de comportamiento (hábitos, costumbres y tradiciones) que este grupo ha ido sufriendo están dados por el proceso de socialización y, en cierto modo, por las altas tasas de movilidad social desencadenadas por la creciente índice del éxodo rural. Dicho proceso es responsable de la diversidad que se traduce en formas de pensar, sentir y actuar y, al mismo tiempo, en la pérdida o alteración de rasgos o elementos identitarios de ese pueblo.

Palavras clave: subgrupo etnolingüístico Mundimba, hábitos, costumbres, aculturación

INTRODUÇÃO

Processos como o colonialismo, as guerras, a escravidão, as migrações e a globalização levaram a população a se dispersar além-fronteiras e se estabelecer em novas áreas (Harris, 1978; Lévi Strauss, 1995). Isso leva ao surgimento de sociedades compostas por diferentes culturas, ou seja, sua população é formada por grupos de diversas origens culturais, étnicas e linguísticas (Cadenas, 2015; Báez, 2016).

As subculturas não se referem apenas a grupos étnicos ou linguísticos dentro de uma sociedade maior, elas pertencem a qualquer segmento da população que se distingue do resto da sociedade por seus padrões culturais ou comportamentais (Granada, 2003; Geertz, 2017; Guzhñay, 2021). A subcultura pode ser considerada como um modo de vida peculiar a um grupo menor dentro de uma sociedade maior; Embora os padrões da subcultura apresentem algumas divergências em relação à cultura central ou a outra subcultura, eles permanecem coesos entre si. A subcultura não tem uma conotação avaliativa, ou seja, não é superior nem inferior a outra; são simplesmente diferentes, pela organização e estrutura de seus elementos; nem está necessariamente vinculado a um espaço geográfico específico; uma área de cultura pode corresponder a uma subcultura, mas o inverso é improvável, ou seja, uma subcultura pode ser identificada com uma determinada área de cultura.

O território angolano é considerado um mosaico devido à sua pluralidade étnica, onde coexistem diferentes subculturas, incluindo o subgrupo etnolinguístico Mundimba, que faz parte dos povos Bantu. Este subgrupo etnolinguístico ainda é pouco estudado, motivo que justifica a elaboração deste trabalho, dada a necessidade de se aprofundar nos aspectos ou características elementares deste subgrupo, componente do grupo etnolinguístico herero, com ênfase nas transformações que vêm tomando lugar devido ao processo de aculturação ou interacção frequente com outros grupos culturais.

Esta condição multicultural de Angola exige uma atenção especial de todos, em particular daqueles que gerem no dia-a-dia os destinos deste povo. A unidade nacional continua a ser uma das preocupações essenciais nos países africanos em geral e em Angola em particular.

A pesquisa tem como fio condutor uma pergunta: Como o subgrupo etnolinguístico Mundimba tem enfrentado sua realidade actual? Correspondentemente, declara-se como objectivo geral analisar as mudanças socioculturais vividas pelo subgrupo etnolinguístico Mundimba no município de Cahama na localidade de Kakuio, província do Cunene; para o qual se pretende: 1) determinar as mudanças nos traços culturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba; 2) avaliar as mudanças socioculturais desse subgrupo; 3) analisar as causas dessas mudanças e 4) estudar os impactos da aculturação nas mundimbas.

REVISÃO DA LITERATURA

Hábitos, costumes, valores, normas e padrões de comportamento

Para compreender plenamente o tema que pretendemos abordar, é imperativo que tenhamos como ponto de partida alguns conceitos relacionados com as características que distinguem grupos étnicos uns dos outros, tais como: hábito, costume e valores (Maia, 2000) :

Hábito: é o acto ou efeito de fazer algo, é a maneira de proceder; é a disposição adquirida pela repetição frequente de um ato rotineiro. Hábito pode ser qualquer ato adquirido pela experiência e realizado regular e automaticamente (Corozo et al., 2022). Os psicólogos estudam o hábito como uma das funções básicas da aprendizagem e consideram-no um problema quando impede ou altera o bem-estar de uma pessoa. Os hábitos são adquiridos inicialmente em reacção a algum grande sucesso e depois generalizados para situações que apresentam estímulos semelhantes.

Costumes: são normas sociais resultantes da prática frequente, fruto de convicções obrigatórias de acordo com cada sociedade e cultura.

Valores: são fundamentos éticos e morais importantes nas sociedades em geral e em nossas vidas em particular.

Normas: são regras de comportamento que reflectem ou incorporam os valores de uma cultura. Para Lévi Straus (1990), as normas culturais são um conjunto que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, direito, costumes (capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade); portanto, inclui todo o comportamento humano.

Padrões: Na antropologia, a expressão padrão de comportamento refere-se à soma total de actividades, actos, ideias, objectos de um grupo; ao ajuste das diferentes características e complexos de uma sociedade (Harris, 1978). É aquela configuração externa que uma cultura apresenta, traduzindo o conjunto de valores que a mesma cultura expressa. Também chamado de conjunto de legados históricos de cada sociedade, bem como as funções mentais e comportamentos a eles associados, por meio dos quais os indivíduos dessa sociedade se expressam e, sobre os quais fundamentam sua experiência.

As normas e valores culturais estão profundamente enraizados nas práticas quotidianas; muitos de nossos comportamentos, costumes e hábitos diários são baseados em normas culturais. Assim, as práticas quotidianas e as experiências sociais estimulam o homem a adoptar, influenciar e ser influenciado, levando em consideração aspectos intrínsecos e externos (Almeida & Cunha, 1985; Maia, 2000; Corais Aca et al., 2021).

Fundamental para todas as culturas são as ideias que definem o que é considerado importante, válido e desejável. Essas ideias ou valores abstractos dão sentido e direcção aos humanos em sua interacção com o mundo social (Geertz, 2017).

Valores e normas trabalham juntos para moldar o comportamento dos membros de uma cultura; que variam muito entre as culturas. Algumas culturas valorizam muito o

individualismo, enquanto outras podem dar mais ênfase às actividades ou necessidades comuns. Mesmo dentro de uma sociedade ou comunidade, os valores podem ser contraditórios: alguns grupos ou indivíduos podem valorizar crenças religiosas tradicionais, enquanto outros podem enfatizar o progresso e a ciência. Enquanto algumas pessoas preferem conforto material e sucesso, outras podem preferir simplicidade e uma vida tranquila.

Por outro lado, a aprendizagem e o conhecimento dos padrões culturais facilitam a integração do indivíduo na sociedade, permitindo-lhe actuar na sociedade, interagir com outros indivíduos e prever as reacções e comportamentos de outros indivíduos.

Padrões culturais são, segundo Herskovits (1968), os contornos que os elementos de uma cultura adquirem, as coincidências de padrões de comportamento individual, manifestados pelos membros de uma sociedade, que conferem ao modo de vida essa coerência, continuidade e forma diferenciada. . O padrão resulta do agrupamento de complexos culturais de interesse ou tema central do qual derivam seu significado; então o padrão de comportamento consiste na norma estabelecida pelos membros de uma determinada cultura. Essa norma é relativamente homogénea, aceita pela sociedade, e reflecte as formas de pensar, agir e sentir do grupo, bem como os objectos materiais relacionados.

Os indivíduos, por meio do processo de inculcação, assimilam os diferentes elementos da cultura e passam a agir de acordo com os padrões estabelecidos pelo grupo ou sociedade. O padrão cultural é, portanto, um comportamento generalizado, padronizado e regularizado, ele estabelece o que é aceitável ou não no comportamento de uma determinada cultura.

Nenhuma sociedade é totalmente homogénea; Existem diferentes padrões de comportamento para homens e mulheres, para adultos e jovens. Quando os membros de uma sociedade pensam e agem como um grupo, eles expressam os padrões culturais do grupo. O comportamento de um indivíduo é influenciado pelas normas da cultura em que vive. Embora cada pessoa tenha um carácter único, devido às suas próprias experiências, os padrões culturais de diferentes sociedades produzem diferentes tipos de personalidades, características dos membros dessas sociedades.

O padrão é formado pela repetição contínua; Quando muitas pessoas em uma determinada sociedade agem da mesma maneira por um longo período de tempo, desenvolve-se um padrão cultural; Por exemplo, o casamento, como padrão cultural brasileiro, engloba o complexo do casamento, que inclui várias festas, jogar arroz nos noivos, amarrar latas no carro, etc., o complexo da vida familiar, cuidar da casa , criar filhos e educar crianças. Ir à igreja aos domingos, participar do carnaval, assistir futebol, comer três vezes ao dia são alguns dos inúmeros padrões de comportamento que constituem os universais culturais.

Taylor (2001) definiu padrões culturais como a expressão da totalidade da vida social do homem, caracterizada por sua dimensão colectiva, adquirida em grande parte de forma inconsciente e independente da herança biológica. Na perspectiva de Taylor (1991), o padrão cultural é complexo, inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, direito, costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Hábitos, costumes, valores, normas e padrões de comportamento do subgrupo etnolinguístico Mundimba.

Falar do subgrupo etnolinguístico Mundimba pressupõe, entretanto, que nos desviemos para a etnia linguística Herero que engloba o subgrupo Mundimba, ou seja, do geral para o particular, dedução. Os Hereros são um grupo banto que vive na Namíbia, Botswana e Angola. Suas situações e características são relativamente diferentes nos três países.

Mudanças socioculturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba, Município de Cahama, localidade de Kakuio, Província do Cunene.

Ao contrário da maioria dos outros povos bantos, que hoje são principalmente agricultores, os hereros são tradicionalmente pastores. Embora sejam um povo banto, há evidências de que o povo herero e a língua que falam foram influenciados pelas antigas populações cuchíticas do norte da África (Junod, 1996).

É normal que as populações Hererós ainda cruzem frequentemente a fronteira, por exemplo entre Angola e Namíbia, nos dois sentidos, em diferentes épocas do ano. A maioria dos Hereros vive actualmente na Namíbia. Em território angolano, o povo Herero localiza-se no sul de Angola, mais concretamente nas províncias do Cunene e do Namibe. Na província do Cunene encontram-se nos concelhos de Cahama e Ombandja.

O grupo etnolinguístico Herero é formado por vários subgrupos, com destaque para o subgrupo etnolinguístico Mundimba, nosso estudo de caso. Este subgrupo localiza-se com maior destaque no município de Cahama. São povos nómades e pastores, intimamente relacionados aos Hererós, e falam a mesma língua. São os últimos povos seminómades da África; migraram de Angola para a Namíbia, segundo relatos, há cerca de 200 anos em busca de solos mais férteis. Os meninos têm a cabeça raspada e as meninas usam colares de madeira para representar a pureza, as mulheres fazem artesanato com arame e madeira e os homens cuidam do rebanho. Os homens podem ter mais de uma esposa, por isso são polígamos.

Foi uma das tribos onde foram gravados os famosos programas Perdidos na Tribo (versão em português e versão brasileira). Os Mundimbas são um povo monoteísta que cultua o deus Mukuru (ancião). Cada família tem seu próprio fogo ancestral, do qual se aproximam a cada sete ou oito dias para se comunicar com Mukuru e os ancestrais. A diferença entre Mukuru e os ancestrais é que enquanto Mukuru apenas abençoa e nunca amaldiçoa, os ancestrais ou ancestrais fazem as duas coisas.

Este subgrupo é caracterizado por possuir hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento peculiares. Ao nascer, meninos e meninas recebem um nome (okulukwa), por meio de uma figura extremamente importante no grupo ou mesmo de um ancestral. Desde cedo, as crianças são socializadas para serem guiadas por comportamentos que são socialmente aceitos pela comunidade.

As formas de transmissão de valores, ou seja, o processo de socialização das meninas, diferem do dos meninos (Rad, 2021). Os meninos se preparam para as actividades pastorais, caça e construção de suas casas; quando são mais jovens, apenas os bezerros pastam e, à medida que envelhecem, outras actividades ou tarefas são atribuídas a eles. Eles geralmente são criados para cuidar de sua futura família. Na juventude eles têm um padrão de corte de cabelo que simboliza seu estado civil.

Dentro do subgrupo etnolinguístico Mundimba, há todo um conjunto de práticas culturais que enfatizam a especificidade identitária; entre essas práticas culturais estão Efiko e Ekwendje.

Rito de iniciação Efiko

O festival Efiko é realizado entre os 14 e os 16 anos para jovens, para formar casais. Em torno do Efiko existe toda uma série de rituais, como: 1) o Omantopwelo, negociações e arranjos familiares; 2) Ocipwando, um processo de transmissão de valores comunitários ao Mufiko por uma senhora idónea seleccionada; 3) o Okup, processo de busca das meninas pelos meninos no local da mata para onde foram levadas; 4) celebração no Elaó de cerimónias, meditação e transmissão de valores e tradições culturais, são cantadas diferentes canções como: lumbwendende e nkankula; 5) à meia-noite, as velhas na frente de Elaó cantam uma música chamada Otchifwamo; 6) Ao amanhecer, os Mufikos saem de casa e passam o dia na sombra de uma árvore chamada Mutyapanda, estão totalmente cobertos, quem quiser ver seus rostos tem que pagar uma taxa. A menina está vestida com

um conjunto de elementos distintivos, que simbolizam que ela já fez o Efiko e 7) no final das festividades, os Mufikos vão para a floresta e se escondem; um grupo de indivíduos vai procurá-los e, se não os encontrar, a festa continua.

Rito de iniciação Ekwendje

Outra prática cultural específica e típica do subgrupo Mundimba é a Ekwendje, é um rito de iniciação onde é realizada a circuncisão de crianças entre 6 e 10 anos de idade; o corte é a sangue frio, não são usados anestésicos e o tratamento é com ervas.

Em torno desse rito existe todo um conjunto de procedimentos e juramentos, que são realizados em um local chamado Mutyamavela. As crianças recebem nomes peculiares como: Mucinha, que significa fazenda de algodão; Mbanje (raposa), para se referir à bravura das crianças; Ombeu (tartaruga), por sua astúcia e de certa forma é um incentivo para que os meninos estejam atentos e preparados para tudo de adverso que possa surgir na comunidade e Tyindele (branco). As crianças são previamente preparadas por um indivíduo que atua como professor ou guia; este é um processo de socialização em que se realiza a transmissão de valores e formas de comportamento.

Diversidade cultural no contexto angolano

O termo diversidade refere-se à variedade e coexistência de ideias, características ou elementos diferentes entre si, em um determinado tema, situação ou ambiente. São práticas e ações sociais que seguem um determinado padrão no espaço/tempo. Então, a diversidade cultural pode ser entendida como as diferenças culturais que existem entre os seres humanos.

Em Angola, a partir do século XIII, tem lugar o movimento migratório banto, que constitui a grande massa populacional de Angola, dividindo-se em grupos somatolinguísticos muito variáveis em força numérica, fixando o cálculo em milhões.

Os bantos angolanos dividem-se em nove grupos etnolinguísticos, pelo menos estes são os já estudados, que, por sua vez, se subdividem em cerca de uma centena de subgrupos, tradicionalmente denominados tribos, mas que do ponto de vista científico-académico parecem mais razoáveis para designados por grupos étnicos e subgrupos étnicos, entre os quais se destacam os seguintes (Junod, 1996):

1. Grupo Kikongo ou Bakongo; Os falantes de kikongo são encontrados nas províncias de Cabinda, Zaire, Uíge, sudoeste do Bengo (Ambriz) e norte do Bengo (kibaxi). Essas cidades são famosas por serem bons agricultores, comerciantes, defensores de sua cultura material e espiritual. Os Bakongos ocupam cerca de 15% do território angolano, subdividindo-se em Kimbeles, Musolongos Kikongos Fyotes e Muzombos.
2. Grupo Kimbundo; são os que falam a língua Kimbundo, localizados nas províncias do Bengo, Malange, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Luanda e em algumas regiões orientais, ocupando cerca de 20% do território nacional.
3. Grupo Mbundu ou Ovimbundu; É constituído por 15 subgrupos principais, entre os quais se destacam os Bienos, Bailundos, Gandas, Caondas, Galangues, Quiacas, Hanhas, Quissange, Seles, Dombes, etc. Falam a língua umbundo e localizam-se nas províncias do Bié, Benguela, Huambo a sudoeste do Moxico, norte da Huíla, sul do Kwanza Sul e norte do Namibe. Ocupam cerca de 37% do território nacional. São hoje a etnia maioritária da população angolana e foram os primeiros a utilizar a técnica da agricultura mecanizada, e a partir do século XIX passaram também a utilizar fertilizantes.
4. Grupo Nhaneca-Humbe; são os que falam a língua Nhaneca-Humbe, e estão estabelecidos nos territórios do médio curso do Cunene, que constitui a espinha

Mudanças socioculturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba, Município de Cahama, localidade de Kakuio, Província do Cunene.

dorsal do seu domínio, sobretudo na província do Namibe e sudoeste da Huíla, ocupando cerca de 5% do território nacional . . Sua língua é semelhante à língua umbundo. Eles são tradicionalmente caçadores e pecuaristas, muitos dos quais ainda são nômades e, portanto, viajam constantemente em busca de melhores pastagens para seus rebanhos.

5. Grupo Herero e Xindonga; Fazem parte da família Ovambos e ocupam algumas áreas da província do Cunene e Kuando Kubango. Correspondem a cerca de 5% da população angolana. Eles também são fazendeiros; seu gado ancestral se manifesta no curioso aspecto de desprezar as etnias que comem peixes. Legendariamente dotados de um etnocentrismo estreito, não admitem cruzamentos com outros povos e nutrem um verdadeiro desprezo por grupos de cultura étnica diferente da sua.

Caracterização sociodemográfica do subgrupo etnolinguístico Mundimba

Os Mundimbas são um povo que habita o território angolano, mas são pouco conhecidos, mesmo entre os próprios angolanos. Estas localizam-se com maior incidência na província do Cunene, no concelho da Cahama. Este grupo étnico pratica a pecuária e a agricultura, geralmente para subsistência e não para comercialização. Seu modo de vida é tradicional.

Essa população é excluída da sociedade pela forma como se veste, come e trabalha; no entanto, deve-se notar que eles se assemelham a outros grupos sociais devido aos seus costumes (tabus, práticas econômicas e curativas), linguagem e ainda outras características externas de sua cultura, a saber, o estilo de arquitectura e layouts interiores das casas, as formas artísticas e o estilo das roupas; mas, no contexto rural ainda é possível distingui-los, com alguma precisão, por elementos como a língua, o cocar e o estilo ornamental do corpo.

A maioria dos Mundimbas aderiu ao cristianismo, predominantemente a Igreja Católica, durante o período colonial. A escolaridade avança lentamente e permanece abaixo da média nacional; no entanto, há uma elite dotada de uma notável inteligência prática. A nível cultural, expressam semelhança com os Nhanekas e Nhamekas humbe.

As mulheres Mundimbas usam penteados longos e difíceis de executar, mas duradouros, muitas vezes artisticamente ornamentados com missangas. O formato desses penteados é variável, dependendo da idade e do estado civil; pelo penteado é possível identificar se a menina é pré-púbere, púbere, se está prestes a se casar, se já casou e, neste último caso, se tem filhos e quantos. Nas cerimónias tradicionais, as mulheres são obrigadas a se apresentarem com seus próprios penteados devidamente compostos, às vezes a arte dos penteados é aprimorada pelo uso de perucas ornamentadas.

O processo de aculturação e a perda da identidade cultural

A aculturação é a fusão de duas culturas diferentes que, ao entrarem em contacto contínuo, provocam mudanças nos padrões culturais de ambos os grupos. Pode abranger muitos traços culturais, embora, na troca recíproca entre as duas culturas, um grupo dê mais e receba menos. Com o tempo, essas culturas se fundem para formar uma nova; não se pode esquecer que a identidade é uma construção social (Berger & Lukmann, 1996; Zárate Ortiz, 2015).

A assimilação, como fase de aculturação, seria o processo pelo qual grupos que vivem em um território comum, mesmo vindos de lugares diferentes, alcançam a "solidariedade cultural". No processo de aculturação deve haver a fusão completa de grupos de diferentes origens, a supressão de um ou ambos os grupos e a persistência de ambos no equilíbrio dinâmico da sociedade. De forma alguma isso implica que as culturas que entram em contacto devam ser distinguidas umas das outras como superiores ou mais avançadas, ou com um maior conteúdo civilizacional, ou como diferentes de qualquer outra forma qualificadora.

O processo de aculturação inclui o processo de sincretismo e transculturação; portanto, é uma forma especial de mudança. A sociedade que passa pelo processo de aculturação modifica sua cultura, ajustando ou conformando seus padrões culturais aos que a dominam; no entanto, apesar de sofrer grandes alterações no seu modo de vida, conserva sempre algo da sua identidade (Figueroa & Castro, 2019; Martínez Lara, 2021).

Em nenhuma sociedade os processos de aculturação ocorrem total ou instantaneamente; a mudança é sempre mais rápida e fácil de aceitar em relação aos traços materiais. Quando um novo traço compete e substitui um já existente, ocorre a desculturação. O processo de aculturação leva à perda de identidade, ou seja, quando o indivíduo estabelece relações com outras culturas, adopta outras formas de ser, sentir e fazer, e assim o indivíduo perde progressivamente sua essência ou sua identidade cultural (Gómez Méndez et al., 2021).

Em Angola, o processo de colonização teve inúmeras repercussões para os grupos indígenas do território angolano e para a estrutura étnica angolana, que é bastante complexa. O actual mapa etnográfico de Angola não foi acordado em muitos círculos da sociedade angolana, existindo mesmo alguma oposição entre os sociólogos e alguns sectores da vida política. Actualmente, todos os grupos étnicos maioritários em Angola, em maior ou menor grau, podem apresentar variantes ou subgrupos étnicos, aliado a tudo isto com a onda de casamentos interétnicos que se tem registado no país com maior destaque após a chegada da independência Nacional.

Neste percurso de ideias, deparamo-nos com uma aculturação com impactos irreversíveis e, fruto do processo de colonização que proporcionou outras realidades como hoje, nenhuma região ou zona pode ser considerada exclusivamente homogénea. Esse fato nos leva à ideia de que todas as regiões são multiétnicas em maior ou menor grau.

Como se sabe, no passado distante, as migrações externas realizadas pelas grandes correntes bantu contribuíram para a multietnicidade das sociedades africanas e de Angola em particular, o que naturalmente serviu de base para a configuração do mapa étnico. No passado mais recente, no entanto, devido aos vários conflitos ocorridos em solo angolano e alianças ou casamentos interétnicos, ondas de migração interna foram testemunhadas e continuam a ser testemunhadas.

O subgrupo etnolinguístico Mundimba é plural no sentido de estar aberto às influências sociais por meio do processo de aculturação mencionado acima. As TICs têm sido muito influentes na variação, alteração dos hábitos e costumes das mundimbas; Com maior ênfase, a Internet tem contribuído para modificar as formas de interacção social ou simplesmente a forma como as pessoas interagem e se comunicam (Rodríguez, 2002; Samour, 2002).

A globalização é um processo de encurtamento das interacções interpessoais (Samour, 2002; Avendaño & Guacaneme, 2016). Essa abordagem fez com que a realidade do subgrupo etnolinguístico mudasse, pois esses elementos não são alheios ao que é aculturação ou simplesmente ao encontro entre indivíduos com hábitos e costumes diferentes e naturalmente promove a difusão cultural, resultando em dinâmica ou mobilidade social. ponto de vista da transversalidade dos povos (Martínez Lara et al., 2021).

METODOLOGIA

Para este estudo descritivo, optou-se pela abordagem quantitativa. Foram utilizados métodos de pesquisa científica: revisão bibliográfica, hermenêutica, etnográfica, histórico-lógica e estatística; bem como a técnica de levantamento.

A revisão bibliográfica facilitou a compreensão teórica e documental do tema em estudo; Foram utilizadas fontes bibliográficas localizadas em diferentes repositórios e bases de dados

(Espinoza, 2022). Utilizando o método histórico-lógico, estudou-se a evolução ao longo do tempo do subgrupo etnolinguístico Mundimba. O método etnográfico permitiu o estudo das características e mudanças socioculturais do povo Mundimba.

O questionário utilizado na pesquisa, além das questões sobre variáveis demográficas (idade, sexo, estado civil, escolaridade, número de filhos, tipo de moradia e profissão), possuía 9 questões abertas para obter informações sobre elementos socioculturais (traços culturais, mudanças socioculturais, causas dessas mudanças e impacto da aculturação nas mundimbas), (Anexo).

População e amostra

Para a realização deste trabalho, seleccionou-se como campo de investigação o município de Cahama, comuna de Ochindjau, na localidade de Kakuio, com uma densidade populacional estimada em cerca de 2000 habitantes. A selecção da amostra foi realizada por meio de amostragem probabilística aleatória simples; Dessa forma, foi composto por 60 integrantes do subgrupo etnolinguístico Mundimba.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepção de mudanças nos traços culturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba

Os 60 respondentes concordam que existem várias mudanças socioculturais que ocorreram dentro do subgrupo etnolinguístico Mundimba, como as formas de fazer suas bebidas e comidas, dada a introdução de novos elementos. Em relação aos penteados, estimam que hoje haja mudanças nas tranças e cortes de cabelo; Também houve mudanças nas roupas. Além disso, no passado as casas eram cobertas única e exclusivamente com grama, mas hoje isso é feito com folhas.

90% (54), consideram que o Efiko mudou, pois existe um conjunto de factores que contribuem para que esse ritual se transforme, principalmente devido às condições socioeconómicas; também, por uma série de razões, desde a procura de outras condições de vida ao deslocamento forçado devido à guerra civil no país, que levou a que os limites dos espaços rurais fossem ultrapassados para se estenderem às áreas urbanas, entrando em estreito contacto com as culturas.

Nos novos contextos em que se integram, surgem novas referências e novos valores, que são gradualmente assimilados; de fato, no novo contexto há mudanças substanciais em sua maneira de agir e pensar, bem como na realização de seus rituais, na forma de vestir e na arte de pentear o cabelo, mudanças marcadas por uma padronização de usos e costumes, tendendo à ocidentalização comportamental e cultural.

O aumento ou diminuição das populações, migrações, contactos com pessoas de diferentes culturas, inovações científicas e tecnológicas, catástrofes (quedas de safra, epidemias e guerras), depressões econômicas, descobertas fortuitas, mudanças violentas de governo, etc. eles podem exercer uma influência especial, levando a mudanças significativas na cultura de uma sociedade.

A mudança pode surgir como resultado de factores internos, endógenos (descoberta e invenção) ou externos, exógenos (difusão cultural). Portanto, há mudança quando: a) novos elementos são adicionados ou antigos são aprimorados por invenções; b) novos elementos são emprestados de outras empresas; c) elementos culturais são abandonados ou substituídos, impróprios para o meio ambiente e d) alguns elementos são perdidos, por falta de transmissão de geração para geração.

Quanto aos padrões culturais, os respondentes foram unâimes em afirmar que ao nível do subgrupo etnolinguístico Mundimba há inúmeras mudanças no seu modus vivendis. No

Mudanças socioculturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba, Município de Cahama, localidade de Kakuio, Província do Cunene.

passado, antes de estabelecer contacto com pessoas de outras culturas, os padrões de comportamento eram firmes do ponto de vista da originalidade, mas devido à mobilidade social, aos grandes fluxos migratórios, registaram-se mudanças substanciais nas formas de sentir, agir e pensar que desencadeou, de certa forma, inúmeras polémicas entre elementos de um mesmo substrato cultural.

Avaliação das mudanças socioculturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba

80% (48) da amostra valoriza as constantes mudanças que ocorrem dentro do subgrupo etnolinguístico Mundimba como prejudiciais à perenidade dos padrões culturais. No entanto, 20%, 12 jovens consideram que o mundo é dinâmico e o grupo Mundimba não está alheio a essa realidade; Eles argumentam que as pessoas têm necessidades e para satisfazê-las é imprescindível ir aos centros urbanos. Este processo de saída e entrada traz consigo novos elementos culturais, que também expressam que tanto os Efiko quanto os Ekwendje sofreram mudanças substanciais.

Há todo um conjunto de práticas ou padrões culturais do subgrupo etnolinguístico que vai sendo alterado, modificado pelo contacto constante, frequente e permanente com outras culturas. Como exemplo, o Tchimpangue (órgãos genitais do boi), outrora comido única e exclusivamente pelos contemporâneos, que haviam sido circuncidados, agora esta prática cultural não é cumprida em sua totalidade.

Os 12 jovens supracitados consideram que estes padrões de comportamento estão a mudar, apesar de existirem alguns conservadores ou ortodoxos do ponto de vista da preservação dos seus hábitos e costumes.

As contribuições da pesquisa permitem concluir que, no passado, a forma de comer frango era bastante peculiar, era necessário começar pelas asas, depois pelas pernas, essa prática simboliza o respeito ao modo como o homem deve se comportar com uma mulher, ou seja, ou seja, o primeiro contacto entre um casal foi o abraço, o primeiro toque é exclusivo dos braços, se eles fizessem o contrário, esse homem era automaticamente estigmatizado.

Outra prática cultural que vem sendo alterada pela dinâmica social é quando um indivíduo ousava se apaixonar ou conquistar a esposa de outro e, caso isso fosse descoberto, o traído tinha a prerrogativa de também ir até a esposa do traidor em sua própria casa e nada ocorrido. O Ukoi também foi recolhido, para indemnizar o marido pelos danos causados, sobretudo, morais.

Um costume bastante comum no subgrupo etnolinguístico Mundimba era a extracção de caninos, ou seja, pelo menos dois dos dentes da boca; que foi motivado por uma lenda narrada pelo mais velho, que dizia que o mau hálito ao acordar se devia ao fato desses mesmos dentes comerem fezes à noite, daí a halitose.

Além disso, o teste de virgindade foi realizado para que os pais pudessem ter certeza de que sua filha estava imaculada; um ovo foi inserido no órgão genital feminino. Essa prática foi feita em um grupo de meninas; Eles foram para o rio e lá fizeram esse exame. As referidas práticas e costumes existem dentro das mundimbas, mas já foram transformadas e em alguns casos suprimidas.

Causas das mudanças socioculturais no subgrupo etnolinguístico Mundimba

Ao indagar sobre as causas das mudanças socioculturais no subgrupo etnolinguístico Mundimba, 60% (36) dos entrevistados consideram que as causas são dadas pelo êxodo rural, o processo de interacção com povos de culturas opostas, a fluidez nas relações sociais e os casamentos isogâmicos são engendrados. Eles afirmam categoricamente que a causa das mudanças é o contacto frequente com pessoas de outras culturas. Os restantes 40%, compostos maioritariamente por pessoas mais velhas, dizem que os exportadores de novos hábitos e costumes são os jovens, pela sua mobilidade social. Apesar dos efeitos

desenfreados da globalização, os idosos tentam a todo custo preservar a cultura, hábitos, costumes e padrões de comportamento, que vêm se modificando devido ao contacto frequente com pessoas de outras culturas.

No entanto, 100% dos pesquisados de uma forma ou de outra concordam que as mudanças nos padrões de comportamento que o grupo vem sofrendo se dão, de certa forma, pelas altas taxas de mobilidade social desencadeadas pelo ritmo crescente do êxodo rural; Além disso, estimam que esse processo seja responsável pela diversidade que se traduz em modos de pensar, sentir e agir e, ao mesmo tempo, na perda ou alteração de características ou elementos identitários.

Impactos da aculturação no subgrupo etnolinguístico Mundimba

A aculturação é um processo pelo qual duas ou mais culturas entram em contacto contínuo, causando mudanças em uma ou em ambas. Esse fenómeno social é apontado como causador de mudanças nesse substrato cultural; Esse contacto influencia substancialmente a essência cultural desta cidade.

75% (45) dos pesquisados consideram que a aculturação se apresenta como um fato positivo porque amplia horizontes. Dentro do subgrupo Mundimba estão aqueles que têm maior capacidade ou disposição para aceitar novos elementos culturais dados pelo contacto frequente com outras etnias. O que é corroborado pelos resultados dos estudos de Arango e Buelvas (2016), e Austin (2019),

Por outro lado, 25% dos pesquisados estão preocupados com esse processo porque altera fortemente suas tradições culturais, portanto, tem um viés negativo. Consideram que nem tudo é aceito de imediato; há rejeições em relação a certos traços culturais. Porém. a aculturação é um fenómeno inerente às sociedades, que por sua vez estão cada vez mais homogéneas, e o subgrupo etnolinguístico em estudo não é estranho a esse processo.

80% dos entrevistados concordam que é preciso interagir com as novas gerações para transmitir valores, hábitos, costumes e princípios morais, o que é de vital importância para preservar a identidade das mundimbas.

Os resultados deste estudo correspondem aos contributos da investigação de António (2019) e António et al. (2019), sobre a cultura e identidade dos povos que vivem em Angola e, os de Almeida e Cunha (1985) sobre os usos e costumes dos banianos, batias, parses, mouros, gentios e indígenas em Moçambique.

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos permitem concluir que os entrevistados percebem que as mudanças nos padrões culturais e comportamentais do subgrupo etnolinguístico se devem ao processo de aculturação. As formas de pensar, sentir e agir dos mundimbas mudaram devido ao contacto com outras forças culturais ou simplesmente pela interculturalidade.

Há todo um conjunto de causas apontadas como responsáveis pelas constantes mudanças nos hábitos e costumes do subgrupo etnolinguístico. As opiniões divergem muito sobre as causas das mudanças que ocorreram. Mas todos, de uma forma ou de outra, concordam que as mudanças nos padrões de comportamento que o grupo vem sofrendo se devem ao processo de socialização e, em certa medida, às altas taxas de mobilidade social desencadeadas pelo crescente índice de êxodo rural; Acreditam também que esse processo é responsável pela diversidade que se traduz em modos de pensar, sentir e agir, bem como na perda ou alteração de características ou elementos identitários.

Mudanças socioculturais do subgrupo etnolinguístico Mundimba, Município de Cahama, localidade de Kakuio, Província do Cunene.

Há um consenso entre os entrevistados de que, como os tempos são novos por mais que se queira, é quase impossível parar ou conter o impacto da nova era dentro do subgrupo etnolinguístico Mundimba.

Dentro do subgrupo etnolinguístico Mundimba, a interacção com outros grupos culturais, principalmente a Munganbwe (o grupo com o qual eles têm mais contacto), por questões geográficas, é considerada benéfica, pois auxilia, por exemplo, no desenvolvimento de práticas agrícolas.

A maioria dos pesquisados concorda que é preciso interagir mais frequentemente com as novas gerações para transmitir os valores, hábitos e costumes do subgrupo etnolinguístico Mundimba, o que é de vital importância para a preservação da identidade.

Em relação ao comportamento dos jovens diante dos efeitos da globalização, todos os pesquisados, principalmente os mais velhos, afirmam que o comportamento dos jovens está muito aquém do que se espera para o resgate e conservação de valores e princípios.

Limitações e estudos futuros

Este trabalho é limitado pelo seu escopo descriptivo. O autor pretende realizar uma futura investigação correlacional para determinar o impacto da globalização nos hábitos, costumes e tradições do subgrupo etnolinguístico Mundimba.

Reconhecimento

O autor agradece a participação dos 60 membros do subgrupo etnolinguístico Mundimba que forneceram informações para a realização deste trabalho.

REFERENCIAS

- Almeida & Cunha, (1985). Estudo sobre os usos e costumes dos banianos, batias, parses, mouros, gentios e indígenas. Moçambique: Imprensa Nacional.
- António, A. J. (2019). Educação intercultural bilingue em crianças angolanas do ensino primário. Anais do XII Simpósio Internacional de Educação e Cultura. <http://www.cict.umcc.cu>
- António, A. J., Santiesteban Labañino, M. & Bravo Rodríguez, A. (2019). Cultura e identidade a partir do estudo da língua e dialetos oficiais em Angola. Professor e Sociedade, 16(3).
- Arango, L., & Buelvas, J. (2016). Contexto cultural, Etnolinguística, y Sociodemográfico en América Latina. Caso Ecuador, Costa Rica, Perú y Colombia. *Omnia*, 22(2), 119-128.
- Austin, T. R. (2019). *Para comprender el concepto de cultura*. <http://www.estudiosindigenas.cl/educacion/compcult.pdf>
- Avendaño, W. R., & Guacaneme, R. E. (2016). Educación y globalización: una visión crítica. *Civilizar Ciencias Sociales y Humanas*, 16 (30), 191-206.
- Báez, C. (2016). Desigualdad y clases sociales. *Tareas*, 160, 135-141. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=535058083014>
- Berger, P. & Lukmann, T. (1996). *La construcción social de la realidad*. Petrópolis: Voces.
- Cadenas, H. (2015). Cultura y diferenciación de la sociedad: La cultura en la sociedad moderna», *Polis* <http://journals.openedition.org/polis/10487>

- Corozo-Angulo, C.-A., Ojeda-Morán, M. E., & Panchano-Valencia, N. del R. (2022). Patrimonio cultural inmaterial y turismo comunitario en el norte de la provincia de Esmeraldas. *Sociedad & Tecnología*, 6(1), 114–128. <https://doi.org/10.51247/st.v6i1.328>
- Coraisaca Quitozaca, E. C., Ordoñez Pardo, J. C., & Ontaneda Arias, L. M. (2021). Alteraciones fonológicas causadas por la dislexia en estudiantes de la Educación General Básica. *Sociedad & Tecnología*, 5(1), 73–85. <https://doi.org/10.51247/st.v5i1.190>
- Figueroa Corrales, E., & Castro Cisnero, R. (2019). Acciones de entrenamiento de orientación didáctica para la lecto-comprensión de textos con la tecnología educativa. *Sociedad & Tecnología*, 2(1), 2–8. <https://doi.org/10.51247/st.v2i1.5>
- Geertz, C. (2017). *The Interpretation of Cultures*. Basic Books.
- Gómez Méndez, D., Martínez Barbosa, N. & Montoya Londoño, D. (2021). *Factores de riesgo que inciden en la pérdida de identidad cultural*. Universidad Cooperativa de Colombia, UCC. Santiago de Cali.
- Granada, H. (2003). La cultura como estrategia de adaptación en la interacción sujeto social ambiente. *Investigación & Desarrollo*, 11(1), 134-161.
- Guzhñay Vélez, K. J. (2021). Aprendizaje de lengua y literatura mediante rúbricas de evaluación. *Sociedad & Tecnología*, 4(2), 174–190. <https://doi.org/10.51247/st.v4i2.103>
- Harris, M. (1978). *El desarrollo de la teoría antropológica. Historia de las teorías de la cultura*. Madrid: Siglo XXI
- Herskovits, M. J. (1968) *The American Negro*. Indiana University Press, Bloomingto
- Junod, H. P. (1996). Usos e costumes dos bantos. Vol 2. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.
- Lévi Strauss, C. (1990). Mito y significado. Madrid: Alianza.
- _____. (1995). *Antropología estructural*. Ed. Paidos
- Maia, R. L. (2000). *Diccionario de Sociología*. Lisboa: Editorial Escolar.
- Martínez Lara, S., Tamez González, G. & Ganga Contreras, F. (2021). Contexto cultural y características de la institución como estrategias de aculturación. Universidad Autónoma de Nuevo León, México. *Política, Globalidad y Ciudadanía*, 7 (14).. DOI: <https://doi.org/10.29105/pgc7.14-1>
- Rad Camayd, Y. (2021). Educación Superior en Angola: Un acercamiento desde la sociología. *Sociedad & Tecnología*, 4(1), 79–95. <https://doi.org/10.51247/st.v4i1.85>
- Rodríguez (2002). Identidad y nuevas tecnologías: repensando las posibilidades de intervención para la transformación social. *Revista FUOC*. <http://www.uoc.edu/web/esp/art/uoc/gil0902/gil0902.html#bibliografia>
- Samour, H. (2002). *Globalización, cultura e identidad*. Ejemplar dedicado a: El país imaginado. La identidad en El Salvador.
- Taylor, C. (1991). *La ética de la autenticidad*. Barcelona: Paidós.
- Taylor, E. (2001) *La cultura de la pobreza. Crítica y contrapuestas*. Buenos Aires: Amorrortu.

Zárate Ortiz, J. (2015). La identidad como construcción social desde la propuesta de Charles Taylor Eidos. Universidad del Norte. Barranquilla, Colombia. *Revista de Filosofía de la Universidad del Norte*, (23), 117-134. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85439039007>

Anexo

Inquirito

Este questionário visa recolher informação junto da população do Município da Cahama, comuna de Otchindjau na localidade de Kakuio, sobre os costumes do subgrupo etnolinguístico Mundimba.

1. Estado civil

Solteiro____ Casado____ Divorciado____ Vive maritalmente____ Viúvo/a____

2. Nível de escolaridade

Básico____ Meio____ Superior____

3. Número de Filhos ____

4. Tipo de vivenda

a) Adobe com lâmina de zinc____ b) Adobe com coberta de pasto____

Casa de madeira____

5. Profissões_____

a) Ademais de esta, realiza outra função?

b) Há tido capacitação em esta área que ocupa actualmente?

DATOS SOCIOCULTURALES

1. Como se caracteriza o subgrupo etnolinguístico Mundimba?

2. És ciente do cambio em teus hábitos e costumes? Argumente.

3. Quais as causas da mudança de hábitos e costumes do subgrupo etnolinguístico Mundimba?

4. Qual o impacto da globalização no subgrupo etnolinguístico Mundimba?

5. Que peso têm outros grupos culturais na sua cultura?

6. Quais são os elementos culturais que tendem a desaparecer devido ao contato com outras culturas?

7. O que é preciso para resgatar os usos e costumes do subgrupo etnolinguístico Mundimba?

8. O que fazer para manter viva a tradição cultural do subgrupo etnolinguístico Mundimba?

9. Como tem sido o comportamento dos jovens, tendo em conta a globalização?

Muito obrigado